



**PRÁTICAS PARENTAIS: O IMPACTO NO COMPORTAMENTO NAS
HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**
**PARENTALS' PRACTICES: THE IMPACT ON BEHAVIOR AND SKILLS IN
ELEMENTARY STUDENTS**

**PRÁCTICAS PADRES: EL IMPACTO EN EL COMPORTAMIENTO EN LAS
HABILIDADES SOCIALES EN ESTUDIANTES DE PRIMARIA**

MAIA, Fátima Almeida
maiafalmeida@gmail.com

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de
Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-7035-3405>

SOARES, Adriana Benevides
adribenevides@gmail.com

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0001-8057-6824>

MONTEIRO, Marcia Cristina
marcialauriapsi@outlook.com

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de
Janeiro

UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0003-2892-1808>

RESUMO O estudo investigou o impacto das práticas parentais nas habilidades sociais e no comportamento de adolescentes de Ensino Fundamental II. Participaram 146 estudantes do sexto ano e 97 do sétimo ano, com idades entre 11 e 15 anos. Utilizou-se o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais com a versão pais e a Escala de Práticas Parentais. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes deram o consentimento verbal. A análise dos dados ocorreu por meio da correlação de Pearson e da Regressão Linear

Múltipla. Os resultados mostram que as habilidades sociais dos pais são fatores imprescindíveis para um desenvolvimento saudável dos filhos. Estudos prospectivos longitudinais podem acompanhar a evolução e o comportamento dos estudantes no que diz respeito aos aspectos sociais.

Palavras-chaves: Práticas parentais. Ensino fundamental. Adolescentes.

ABSTRACT The study investigated the impact of parenting practices on the social skills and behavior of middle school adolescents. A total of 146 sixth-grade students and 97 seventh-grade students, aged between 11 and 15 years, participated. The Social Skills Rating System (parent version) and the Parenting Practices Scale were used. All participants signed the Informed Consent Form, and the students provided verbal assent. Data analysis was conducted using Pearson's correlation and Multiple Linear Regression. The results show that parents' social skills are essential factors for the healthy development of their children. Longitudinal prospective studies may track the evolution and behavior of students regarding social aspects.

Keywords: Parenting practices. Elementary school. Teenagers.

RESUMEN El estudio investigó el impacto de las prácticas parentales en las habilidades sociales y en el comportamiento de adolescentes de Educación Secundaria. Participaron 146 estudiantes de sexto grado y 97 de séptimo grado, con edades entre 11 y 15 años. Se utilizó el Sistema de Evaluación de Habilidades Sociales en la versión para padres y la Escala de Prácticas Parentales. Todos los participantes firmaron el Término de Consentimiento Libre e Informado y los estudiantes otorgaron el consentimiento verbal. El análisis de los datos se realizó mediante la correlación de Pearson y la Regresión Lineal Múltiple. Los resultados muestran que las habilidades sociales de los padres son factores imprescindibles para un desarrollo saludable de los hijos. Estudios prospectivos longitudinales pueden acompañar la evolución y el comportamiento de los estudiantes en lo que respecta a los aspectos sociales.

Palabras clave: Prácticas parentales. Escuela primaria. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

Por meio do processo de aprendizagem, a criança se insere de forma organizada no mundo cultural, sendo a família o primeiro núcleo organizador da criança e a escola, posteriormente, uma das responsáveis por grande parte da aprendizagem adquirida. Assim, uma das funções familiares é a função parental, por estar intimamente relacionada ao desenvolvimento humano (Batista; Weber, 2012).



Os estilos parentais constituem importantes preditores do desenvolvimento infantil, sendo compreendidos como conjuntos de comportamentos ou práticas educativas que os pais utilizam para a interação com os filhos (Gomide, 2003).

As práticas adotadas pelos pais apresentam relação com o desenvolvimento de comportamentos apresentados pelos filhos. Segundo Gomide (2003), os estilos parentais podem ser considerados em dois aspectos, tanto pelo fator de risco quanto pelo fator de proteção das condutas, indicando que a adversidade e a negligência parental podem contribuir para o desenvolvimento de sujeitos com distúrbios de conduta. Por outro lado, as práticas assertivas associadas ao bom funcionamento familiar, ao vínculo afetivo positivo, ao apoio e à vigilância parental são considerados fatores protetores, que reduzem a probabilidade de os filhos praticarem comportamentos desviantes.

A literatura aponta que filhos de pais negligentes podem ser inseguros, impulsivos, antissociais e apresentarem baixo rendimento escolar (Nunes; Oliveira; Fonsêca; Monteiro; Assis, 2014). Os referidos autores acrescentam que crianças educadas em lares cujas práticas são predominantemente negativas apresentam piores performances em todas as áreas de desenvolvimento, além de apresentarem problemas afetivos e de comportamento. Ao contrário, crianças com pais autoritativos costumavam apresentar autoestima elevada, se mostram independentes, autoconfiantes e apresentam melhor rendimento e boas notas na escola (Gomide, 2003).

Os estilos parentais que fazem uso adequado de práticas sociais, com regras claras e consequências para o seu descumprimento, podem ser compreendidos como monitoria positiva. Essa monitoria envolve a atenção equilibrada dos pais, a concessão de privilégios de forma justa, o estabelecimento adequado de regras, a oferta contínua e segura de afeto, bem como o acompanhamento e a supervisão das atividades escolares e de lazer. Por outro lado, estilos parentais negativos estão associados ao desenvolvimento de comportamentos antissociais. Eles envolvem, por exemplo, a aplicação de punições inconsistentes, em que os pais se orientam por seu próprio humor no momento de punir, em vez de considerar o ato praticado pela criança



ou adolescente (Nunes et al., 2014). Cabe, portanto, alguns esclarecimentos sobre conceitos relacionados ao tema do texto, conforme indicamos a seguir.

A negligência é caracterizada pela ausência de atenção e afeto; a disciplina relaxada refere-se ao afrouxamento das regras estabelecidas; a monitoria negativa envolve o excesso de instruções, independentemente do cumprimento; e o abuso físico manifesta-se por meio de práticas disciplinares violentas, como agressões corporais, ameaças, chantagens de abandono e humilhações. Tais condutas podem gerar um ambiente de convivência hostil (Gomide, 2011). Além disso, estudos sobre práticas parentais mostram a relevância das pesquisas sobre o tema, já que envolvem aspectos sobre o desenvolvimento saudável do indivíduo. Maia e Soares (2019), por exemplo, realizaram investigação com 154 estudantes do sexto ano, com idades entre 9 a 15 anos ($M = 11,5$; $DP = 0,8$), 29 pais e 125 mães sobre práticas parentais educativas. As autoras (2019) concluíram que houve diferença nas médias das percepções de mães, pais e da percepção dos filhos sobre o estilo parental dos pais e mães. As mães avaliaram o próprio estilo parental de forma mais positiva, enquanto os pais avaliaram seu estilo de forma mais negativa, em comparação à percepção dos filhos. Os resultados refletem a importância da função parental exercida por mães e pais em famílias tipicamente não nucleares, indicando que as práticas positivas podem desenvolver habilidades sociais que valorizem os vínculos estabelecidos entre pais e filhos e estimulem interações sociais futuras mais relevantes.

A utilização de práticas parentais empáticas e que refletem uma aproximação afetiva, com menor utilização de comportamentos agressivos, é apontada de forma positiva às práticas parentais. O estudo de Kusiak, Mello e Andretta (2019) objetivou identificar a associação entre empatia dos pais e as práticas parentais na educação dos filhos. Participaram 231 pais e mães de diferentes estados brasileiros. Os resultados indicaram que baixos escores em empatia, especialmente no que se refere à regulação emocional, estão associados à menor percepção de engajamento em práticas parentais saudáveis com os filhos.

No ambiente familiar, os pais têm grande influência sobre os filhos e é nesse contexto que a aprendizagem das habilidades sociais começa. Segundo Z. Del Prette



e Del Prette (2018), as habilidades sociais são um conjunto de comportamentos sociais aceitos pela respectiva cultura, que proporciona um desempenho social competente e gera resultados positivos para o indivíduo em sua relação com o outro, o que pode vir, também, a colaborar para a competência social (Z. Del Prette; Del Prette, 2018). Por desempenho social, os autores (2018) entendem a manifestação de comportamentos em situações de interação, os quais podem favorecer ou prejudicar os relacionamentos.

Os pais são os maiores modelos para os filhos. Os responsáveis devem recorrer às próprias habilidades para ensinar crianças e adolescentes a se expressarem, indicando de forma assertiva os comportamentos desejáveis e indesejáveis, elogiando quando apropriado e solicitando mudanças ao explicar as possíveis consequências positivas ou negativas. Dessa forma, os pais evitam práticas coercitivas que os afetam negativamente e a seus filhos (Bolsoni-Silva, 2003). Estudo de Bartholomeu, Montiel, Fiamenghi e Machado (2016) investigou a relação entre os estilos parentais e as habilidades sociais dos filhos, estabelecendo correlações significativas entre esses dois construtos. Participaram 202 crianças, de 7 a 10 anos, de ambos os sexos, e matriculadas do segundo ao quarto ano de escolas públicas de São Paulo. Os resultados obtidos sugerem que estilos parentais positivos são preditores de altruísmo, enquanto estilos parentais negativos são preditores de assertividade, conversação e confiança social (Bartholomeu; Montiel; Fiamenghi; Machado, 2016). Com relação às habilidades sociais gerais, as variáveis que ofereceram o melhor modelo provável foram monitoramento positivo, disciplina frouxa, comportamento moral e abuso físico (quanto maior a habilidade social geral, menores os estilos parentais abusivos). Os autores (2016) sugerem que diferentes habilidades sociais estão relacionadas a estilos parentais positivos e negativos, reforçando a ideia de uma habilidade social como um atributo do comportamento mais estável que poderia ser aprendido pela criança em contextos educativos como o familiar e o escolar.

Segundo Fernandes, Leme e Elias (2018), a literatura aponta que o desenvolvimento socioemocional dos estudantes está correlacionado ao repertório de



habilidades sociais. Assim, as autoras testaram um modelo de predição do desempenho escolar, considerando como variáveis independentes as habilidades sociais, a percepção de apoio social da família, professores e pares, bem como o histórico de reprovação dos estudantes. A amostra foi constituída de 311 estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos mostraram que o histórico de reprovação, as habilidades sociais e a percepção de apoio social do professor predisseram o desempenho escolar dos alunos. Dessa forma, as autoras (2018) sugerem a discussão sobre a importância dos recursos dos alunos e das experiências vivenciadas, que podem ser aproveitados na escola por meio de programas de prevenção e promoção do desempenho escolar, envolvendo alunos, famílias e professores.

Com base nas discussões e lacunas identificadas nesta seção, o presente estudo tem o objetivo de verificar o impacto das práticas parentais nas habilidades sociais e nos problemas de comportamento de estudantes do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental.

2 MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram 146 estudantes do sexto ano de uma escola pública do município de Niterói-RJ, com idades entre nove e 15 anos ($M=11,5$ e $DP = 0,8$) sendo (55%) $N=81$ do sexo masculino. Além dos estudantes, foram informantes 146 mães e pais ($M= 37,7$ anos e $DP= 8,1$). A maioria dos pais participantes do estudo (86,9%) era do sexo feminino (mães) em todos os anos analisados. Em relação ao estado civil dos pais, (30,2%) $N=42$ eram casados, (30,2%) $N=42$ eram divorciados, (39,6%) $N=55$ tinham outro estado civil. Conforme os dados da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP, 2019), as famílias do estudo encontram-se 18 na classe B1

(11,6%), 17 na classe B2 (11%), 67 na C1 (43,5%), 43 na C2 (27%), nove na D/E (5,8%) e dois não responderam (1,2%).

Em relação ao sétimo ano, participaram do estudo 97 estudantes de escolas públicas do município de Niterói e São Gonçalo-RJ, com idades entre 11 e 15 anos ($M=12,6$ e $DP = 0,9$) sendo (53,6%) $N=52$ do sexo masculino. Também foram informantes os pais ($M= 40$ anos e $DP = 12,7$). A maioria dos pais participantes do estudo (79,4%) era do sexo Feminino (mães). Em relação ao estado civil dos pais, (39,8%) $N=37$ eram casados, (41,9%) $N=39$ eram solteiros e (18,3%) $N=17$ tinham outro estado civil. Conforme os dados da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP, 2019), as famílias do estudo encontram-se uma na classe B1 (1,1%), duas na classe B2 (2,2%), 17 na C1 (18,3%), 31 na classe C2 (33,3%) e 42 na classe D/E (45,1%).

2.2 Instrumentos

O Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS) foi desenvolvido e validado nos Estados Unidos por Gresham e Elliott (1990) e posteriormente adaptado para o Brasil por Bandeira et al. (2009). Trata-se de um questionário que avalia o repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças, incluindo três versões direcionadas aos estudantes e aos pais. As suas alternativas de respostas estão dispostas em uma escala tipo Likert, de três pontos. A versão de autoavaliação dos estudantes é composta de 34 itens, distribuídos em seis componentes: Responsabilidade – reúne sete itens relativos a comportamentos que demonstram compromisso com as tarefas e com as pessoas no ambiente escolar – atenção às atividades e realização das mesmas, prestar atenção quando o professor está ensinando, seguir uma rotina diária, deixar o ambiente limpo e arrumado, cuidar com organização do seu material e usar adequadamente o tempo livre; Empatia - agrupa 12 itens sobre comportamentos que demonstram interesse, respeito e preocupação com os colegas e demais pessoas, entender os colegas quando estão irritados ou infelizes por alguma situação, ouvir os problemas dos



amigos, se colocar no lugar do outro quando acontece algo desagradável com as pessoas, tentar resolver problema ou briga de colegas; Assertividade – reúne seis itens sobre comportamentos que questionam regras injustas, autocontrole emocional ao lidar com discussões de classe e ao discordar de adultos, cumprimentar pessoas e emitir opiniões; Autocontrole/Civilidade – engloba nove itens sobre comportamentos que demonstram domínio sobre as próprias reações emocionais em situações de conflitos, pedir e esperar permissão para usar coisas de outros, de permanecer ouvindo as pessoas que estão falando, de controlar raiva quando zangado(a); Evitação de Problemas, é composto de itens sobre comportamentos que demonstram domínio sobre as próprias reações emocionais, tais como: fazer provocações, ignorar colegas fazendo brincadeiras, solicitar e esperar que os colegas o (a) aceitem em brincadeira ou jogo, não concordar com as ideias dos adultos sem briga ou discussão, resolver problemas ou brigas argumentando com o colega; Expressão de Sentimento Positivo - compreende itens que representam comportamentos que expressam aprovação aos comportamentos dos demais, expressando sentimentos positivos, como elogiar e cumprimentar amigos e demais pessoas, expressar carinho dizendo que gosta dos amigos, dizer ao adulto que aprecia sua atitude. A versão do aluno é composta somente pela Escala de Habilidades Sociais que apresentou índices satisfatórios de consistência interna de ($\alpha = 0,78$).

A versão para pais do SSRS-BR é composta por duas escalas, contendo, respectivamente, 38 itens que avaliam a frequência e a importância das habilidades sociais e 17 itens que avaliam a frequência de comportamentos problemáticos. As pontuações das escalas de frequência e de importância são iguais às da versão para professores. A escala de Habilidades Sociais é composta por seis componentes: Afetividade/Cooperação, com dez itens que consideram comportamentos da criança em colaborar sem ser solicitado, realizando tarefas domésticas de forma espontânea, sem precisar ser lembrado; Amabilidade, com oito itens que indicam comportamentos da criança que geram a estima dos demais, sendo querido pelos outros; Iniciativa/Desenvoltura Social, com oito itens que focalizam comportamentos de iniciar e manter interações sociais, apresentando-se e fazendo amigos com facilidade;



Asserção, com oito itens que apresentam comportamentos que expressam confiança em lidar com estranhos e situações novas, usando de justiça e pedindo ajuda; Autocontrole/Civilidade, com seis itens que sinalizam comportamentos que demonstram domínio sobre as próprias emoções, através de reações abertas, recusando-se a aceitar pedidos abusivos, falando em *tom de voz apropriado*; Autocontrole Passivo, com quatro itens que abrangem comportamentos que demonstram domínio sobre as próprias emoções, por meio de reações encobertas, controlando sua irritação em situação de discussão com os outros. A escala de Comportamentos Problemáticos é dividida em três componentes: Hiperatividade, com seis itens que indicam comportamentos que envolvem excessivo movimento e inquietação, desobedecendo a regras e agindo impulsivamente; Externalizantes, com sete itens que indicam comportamentos que envolvem agressão física ou verbal de outras pessoas, sempre procurando briga e discussão, ameaçando e se alterando com frequência; Internalizantes, com quatro itens que indicam comportamentos de solidão, tristeza, baixa autoestima, timidez, distanciando dos demais e, ainda, apresentam vergonha junto aos demais, ruborizando-se facilmente, mostrando-se deprimido. A escala de Comportamentos Problemáticos é dividida em dois componentes: Externalizante, com 13 itens que focalizam comportamentos que envolvem agressão física ou verbal de outras pessoas, brigando e ameaçando os outros; Internalizante, com seis itens que abrangem comportamentos que expressam distanciamento dos demais sentimentos de ansiedade, tristeza e baixa autoestima. A versão dos pais é composta pela Escala de Habilidades Sociais ($\alpha = 0,86$) e pela Escala de Comportamentos Problemáticos ($\alpha = 0,75$).

A Escala de Práticas Parentais (EPP), elaborada e validada por Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) - avalia dimensões com 27 itens de práticas educativas parentais em relação a adolescentes: Apoio Emocional ($\alpha = 0,89$), mostrando interesse pelas coisas que faz o estudante; Controle Punitivo ($\alpha = 0,73$), proibindo de fazer algo que gosta ou punindo de algum modo se o filho desobedece; Incentivo à Autonomia ($\alpha = 0,76$), quando incentiva a agir de modo independente, deixando ter suas próprias experiências; Intrusividade ($\alpha = 0,67$), dando palpite em tudo que faz, intrometendo-se



em assuntos dos filhos, mesmo quando eles não pedem; Supervisão do Comportamento ($\alpha=0,77$), quando procura verificar por onde o filho anda e, caso não saiba, procura verificar aonde vai quando sai de casa; Cobrança de Responsabilidade ($\alpha=0,70$) verifica se o filho corresponde às expectativas nos estudos, cobrando organização com suas coisas.

2.3 Procedimentos éticos

Os pais e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes deram o consentimento verbal. Para a realização da coleta de dados, foi informado o caráter da pesquisa, seu anonimato e a possibilidade de ser interrompida a qualquer momento. Para a coleta de dados, um e-mail foi disponibilizado para contato permanente. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, sob o Parecer 1933916, atendendo as normas das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

2.4 Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa foi realizada em uma Escola da Rede Pública Estadual, localizada na região norte da cidade de Niterói – RJ, com pais e estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental II. A estratégia para o convite aos pais foi feita através de Reunião de Pais/Responsáveis, com esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa. Após autorização do grupo, os questionários foram aplicados na escola. Com os estudantes, a pesquisadora marcou, previamente, uma conversa com os professores, para não interferir na rotina escolar. Os estudantes foram receber esclarecimentos acerca da pesquisa e também convidados a participar como voluntários. Para os alunos e pais do sétimo ano, a pesquisa foi realizada em quatro Escolas da Rede Pública, dos municípios de Niterói e São Gonçalo. Após apresentação da pesquisadora e do projeto de pesquisa, foi solicitado o consentimento às Direções de Ensino, para a realização da coleta de dados. A estratégia utilizada para a coleta de



dados foi a mesma com os responsáveis do sétimo ano. Para a aplicação dos instrumentos e coleta de dados com os alunos, a pesquisadora marcou previamente com a Direção um horário que não interferisse na rotina escolar. Os estudantes também receberam esclarecimentos sobre a pesquisa e foram convidados a participar como voluntários.

2.5 Procedimentos de Análise de Dados

Inicialmente, foi realizada uma limpeza no banco de dados e os valores dos casos ausentes (*missings*) foram substituídos pela média de cada variável, de acordo com o grupo que pertenciam (sexto ou sétimo ano). Após a limpeza do banco de dados, as variáveis foram computadas, a partir da média de seus escores. Foi feita a correlação de Pearson para relacionar as variáveis duas a duas. Foi utilizada a Regressão Linear Múltipla para verificar o impacto das práticas parentais nas habilidades sociais e nos problemas de comportamento dos alunos. Para a interpretação das correlações, foi utilizada a referência de Dancey e Reidy (2005), que indicam para correlações fracas ($r = 0,10$ até $0,30$); moderadas ($r = 0,40$ até $0,60$) e fortes ($r = 0,70$ até 1).

3 RESULTADOS

A Escala de Práticas Parentais apresentou correlação positiva com a de habilidades sociais de pais, variando de fraca a moderada Mãe-Apoio Emocional com Habilidade Social ($0,32$), Mãe-Supervisão do Comportamento com Habilidade Social-Responsabilidade ($0,36$), Pai-Cobrança de Responsabilidade com Habilidade Social-Empatia ($0,32$) e Pai-Supervisão do Comportamento com Habilidade Social-Empatia ($0,36$).

As Práticas Parentais correlacionaram com Habilidades Sociais – Aluno – Empatia e indicou que o conjunto de variáveis explicativas explicou 17% da variável critério ($R^2_{ajustado} = 0,17$; $F = 4,18$; $p < 0,001$). Nenhuma variável explicativa



individualmente teve impacto significativo na variável critério. O conjunto de variáveis explicativas de práticas parentais explicou 14% da variável critério. Individualmente, apenas a variável prática parental Controle Punitivo (mãe) teve impacto significativo, indicando que quanto maior o controle por parte dos pais, maior a responsabilidade da criança (conforme Tabela 1).

Tabela 1 - Análise de regressão linear múltipla para as Práticas Parentais segundo o Inventário de Teixeira et al. (2006) nas Habilidades Sociais – Aluno – Responsabilidade

R ² ajustado = 0,14		F = 3,50; p < 0,001	
Variáveis Independentes	Beta	t	Sig
Mãe_Apoio_Emocional	0,14	1,32	0,19
Mãe_Control_Punitivo	0,23	2,25	0,03*
Mãe_Autonomia	0,07	0,58	0,56
Mãe_Intrusividade	-0,01	-0,07	0,95
Mãe_Supervisão_Comportamento	0,20	1,66	0,10
Mãe_Cobrança_Responsabilidade	-0,11	-0,92	0,36
Pai_Apoio_Emocional	-0,15	-1,17	0,24
Pai_Control_Punitivo	-0,17	-1,62	0,11
Pai_Autonomia	-0,01	-0,09	0,93
Pai_Intrusividade	-0,05	-0,49	0,63
Pai_Supervisão_Comportamento	0,14	1,03	0,31
Pai_Cobrança_Responsabilidade	0,21	1,72	0,09

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025

As Práticas Parentais correlacionaram com as Habilidades Sociais – Aluno – Autocontrole e o conjunto de variáveis explicativas explicou 8% da variável critério (R² ajustado = 0,08; F = 2,32; p < 0,01). Entretanto, nenhuma variável, individualmente, teve impacto significativo. As práticas parentais explicaram as Habilidades Sociais – Aluno-Assertividade sendo que o conjunto de variáveis explicativas explicou 5% da variável critério (R²ajustado = 0,05; F = 1,86; p < 0,05). Nenhuma variável, isoladamente, teve impacto significativo. Na relação entre Práticas Parentais e Habilidades Sociais – Crianças, o conjunto de variáveis explicativas explicou 18% da variável critério (R²ajustado = 0,18; F = 4,38; p < 0,001). Também neste caso, nenhuma variável, individualmente, teve impacto significativo.

Na relação entre Práticas Parentais e Habilidades Sociais – Pais – Afetividade, foi revelado que o conjunto de variáveis explicativas explicou 6% da variável dependente. A variável com impacto significativo foi o Apoio Emocional da mãe,



mostrando que quanto maior a percepção de apoio emocional por parte dos filhos, maior a afetividade da criança (conforme Tabela 2).

Tabela 2 - Análise de regressão linear múltipla para as práticas parentais nas Habilidades Sociais – Pais – Afetividade segundo as Práticas Parentais Teixeira et al. (2006)

R ² ajustado = 0,06		F = 1,92; <i>p</i> < 0,05	
Variáveis Independentes	Beta	<i>t</i>	Sig
Mãe_Apoio_Emocional	0,22	2,02	0,04*
Mãe_Control_Punitivo	0,20	1,85	0,07
Mãe_Autonomia	0,00	-0,02	0,98
Mãe_Intrusividade	-0,12	-1,09	0,28
Mãe_Supervisão_Comportamento	-0,06	-0,51	0,61
Mãe_Cobrança_Responsabilidade	0,02	0,20	0,84
Pai_Apoio_Emocional	0,04	0,33	0,74
Pai_Control_Punitivo	-0,17	-1,54	0,13
Pai_Autonomia	-0,17	-1,32	0,19
Pai_Intrusividade	-0,04	-0,33	0,74
Pai_Supervisão_Comportamento	0,02	0,17	0,87
Pai_Cobrança_Responsabilidade	0,11	0,87	0,38

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Com relação às associações entre as Práticas Parentais e os Problemas de Comportamento Internalizantes, o conjunto de variáveis explicativas não apresentou relação preditiva com a variável critério. A variável Mãe-Control Punitivo impactou na variável critério, indicando que quanto mais esta prática é exercida, menos problemas de comportamento internalizantes ocorrem. A variável Pai - Controle Punitivo também apresentou impacto na variável critério, indicando que quanto mais exercida esta prática, mais problemas de comportamento internalizantes são apresentados pela criança (conforme Tabela 3, a seguir).

Tabela 3 - Análise de regressão linear múltipla para Práticas Parentais Teixeira et al. (2006) nos Problemas de Comportamento Internalizantes

R ² ajustado = 0,02		F = 1,38; <i>p</i> > 0,05	
Variáveis Independentes	Beta	<i>t</i>	Sig
Mãe_Apoio_Emocional	0,06	0,57	0,57
Mãe_Control_Punitivo	0,23	2,13	0,03*
Mãe_Autonomia	-0,02	-0,14	0,89
Mãe_Intrusividade	-0,24	-2,18	0,03
Mãe_Supervisão_Comportamento	-0,12	-0,91	0,36
Mãe_Cobrança_Responsabilidade	0,13	1,03	0,31
Pai_Apoio_Emocional	-0,15	-1,07	0,29



Pai_Control_Punitivo	-0,30	-2,69	0,01*
Pai_Autonomia	-0,03	-0,21	0,83
Pai_Intrusividade	0,20	1,84	0,07
Pai_Supervisão_Comportamento	0,14	0,97	0,33
Pai_Cobrança_Responsabilidade	0,04	0,30	0,76

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025

Na relação entre Práticas Parentais e Problemas de Comportamento, o conjunto de variáveis explicativas não apresentou relação preditiva com a variável critério. A variável Pai – Controle Punitivo impactou a variável critério, indicando que, quanto maior o nível de percepção dessa prática por parte dos filhos, menores são os problemas de comportamento. A prática Pai – Intrusividade também apresentou impacto, mostrando que, quanto maiores os níveis de percepção dessa prática, mais problemas de comportamento ocorrem (conforme Tabela 4, a seguir).

Tabela 4 - Análise de regressão linear múltipla para as Práticas Parentais Teixeira et al. (2006) nos Problemas de Comportamento

R ² ajustado = 0,02		F = 1,26; p > 0,05	
Variáveis Independentes	Beta	t	Sig
Mãe_Apoio_Emocional	-0,09	-0,78	0,44
Mãe_Control_Punitivo	0,16	1,50	0,14
Mãe_Autonomia	-0,08	-0,63	0,53
Mãe_Intrusividade	-0,15	-1,42	0,16
Mãe_Supervisão_Comportamento	-0,16	-1,22	0,22
Mãe_Cobrança_Responsabilidade	0,10	0,77	0,44
Pai_Apoio_Emocional	-0,06	-0,42	0,68
Pai_Control_Punitivo	-0,23	-2,10	0,04*
Pai_Autonomia	0,05	0,38	0,70
Pai_Intrusividade	0,24	2,24	0,03*
Pai_Supervisão_Comportamento	0,05	0,37	0,71
Pai_Cobrança_Responsabilidade	0,01	0,07	0,94

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

4 DISCUSSÃO

Os resultados apresentaram associação positiva entre Práticas Parentais e Habilidades Sociais. Os participantes filhos percebem positivamente as práticas parentais maternas e paternas. De uma maneira geral, as metas de socialização dos pais, que se definem como um processo de aquisição de comportamentos



indispensáveis para o convívio e da adaptação social, estão sendo desenvolvidas pelos filhos (Cloutier; Dapreau, 2012; Kusiak et al., 2019). Segundo Teixeira et al. (2006), as categorias de controle punitivo, autonomia, supervisão de comportamento e cobrança de responsabilidade estão relacionadas, teoricamente, à grande dimensão de exigência. Entretanto, as categorias apresentaram análises correlacionais positivas com as habilidades sociais de empatia, de responsabilidade, de autocontrole, de assertividade e de habilidades sociais maternas e paternas, parecendo não afetar o desenvolvimento do repertório de habilidades sociais dos filhos (Z. Del Prette; Del Prette, 2018). Portanto, o adolescente, quando estimulado pelo aumento da capacidade cognitiva e por novas responsabilidades, pode contribuir para a competência social, adquirindo maior independência, maior responsabilidade, adaptando-se a diferentes contextos e situações (Cloutier; Dapreau, 2012; Fernandes et al., 2018).

O contexto social vai indicando ao adolescente que, a partir do seu desenvolvimento, uma redefinição de suas relações sociais e de desempenho começa a mudar, colocando-o diante de novos eventos e desafios a realizar (Bartholomeu et al., 2016). Segundo Bronfenbrenner (2011), o indivíduo é permeado por transições ecológicas, caracterizadas por processos pelos quais as pessoas e o ambiente interagem provocando mudanças biopsicológicas ao longo do seu ciclo vital. Com isso, quando acontecem transições ecológicas importantes e o indivíduo passa a frequentar outros microssistemas ecológicos, começa a exercer novos papéis, adequando novas competências sociais e adaptando-se a diferentes situações e ambientes (Bronfenbrenner, 2011).

Nessa perspectiva, para que o indivíduo inicie seu processo de desenvolvimento social, é necessário que comece a interiorizar regras que já foram determinadas na família, experimentem sentimentos e aprendam comportamentos que serão apresentados, mais tarde, em outras situações e contextos evolutivos. Segundo Cloutier e Dapreau (2012), a necessidade de tornar-se mais independente, cria estratégias de autorregulação, como assumir responsabilidades, comportar-se com maior autonomia, estabelecer metas e estratégias que considera importantes na



aquisição de resultados satisfatórios, que leve à resolução de problemas de forma mais colaborativa.

Considerando a análise dos resultados de Teixeira et al. (2006), a percepção pelos filhos de Mãe-Apoio Emocional, Mãe-Supervisão de Comportamento e Mãe-Cobrança de Responsabilidade, correlacionaram-se negativamente com o problema de comportamento, indicando que quanto maior a percepção de práticas parentais positivas, menores são os problemas de comportamentos externalizantes dos filhos. A literatura tem mostrado que famílias que conseguem lidar com a reciprocidade das interações, que incluem, na qualidade da criação o apoio, um padrão de comunicação e diálogo, amenizam riscos e diminuem índices de comportamentos antissociais (Kusiak et al., 2019).

As atitudes ou práticas parentais dos pais para a educação e socialização dos filhos indicam escolhas educativas que se apresentam em diferentes momentos da dinâmica familiar com a intenção de colocar os limites e educar, prevenindo problemas de comportamentos externalizantes (Gomide, 2011). O Apoio Emocional está relacionado à responsividade pela disponibilidade das mães de dar carinho, proporcionando segurança emocional aos filhos (Kusiak et al., 2019; Teixeira et al., 2006). A Supervisão de Comportamento e a Cobrança de Responsabilidade são descritas, na literatura, como práticas coercitivas, denominadas de exigência (Teixeira et al.; Carneiro; Oliveira, 2013). A exigência compreende atitudes de controle das mães que, mesmo tendo horas de trabalho fora de casa, continuam supervisionando e cobrando responsabilidades dos filhos. Leme, Fernandes, Jovarini e El Achkar (2015); Teixeira et al. (2006) e Carneiro e Oliveira (2013) relatam que os adolescentes, principalmente quando começam a frequentar outros microssistemas, devem ter pais que iniciem práticas de diálogo, a fim de estabelecer uma comunicação mais aberta estimulando seus filhos a falar de forma mais espontânea sobre suas atividades diárias, para diminuir as imposições e desenvolver maior autonomia e confiança.

Os resultados encontrados a partir da aplicação do instrumento de Teixeira et al. (2006), que identifica a percepção dos próprios adolescentes sobre as práticas de seus pais, indicaram que a variável Criança-Responsabilidade impactou



positivamente na variável Mãe-Controle Punitivo e a variável Pais-Afetividade teve impacto positivo com Mãe-Apoio Emocional. Segundo Bandeira, Z. Del Prette, Del Prette e Magalhães (2009), a cobrança de responsabilidade refere-se a comportamentos que demonstram compromisso com as tarefas escolares, na organização das atividades domésticas, como arrumar o quarto e guardar seus pertences. Portanto, o impacto da responsabilidade e do controle punitivo, como punições e privações, pode trazer a ideia de que essa prática é percebida pelos filhos como uma exigência positiva, com estabelecimento de regras e limites, e não algo agressivo ou intrusivo (Kusiak et al., 2019; Teixeira et al., 2006). Em relação à afetividade dos pais, somada a uma atitude positiva de apoio emocional das mães, pode indicar uma inibição do comportamento antissocial dos filhos. Segundo Teixeira et al. (2006), o termo responsividade está associado a comportamentos de apoio emocional, como dar carinho, manter uma comunicação bidirecional e o seu déficit pode acarretar problemas comportamentais e emocionais.

Os resultados do instrumento de Teixeira et al. (2006) apresentaram impacto positivo na variável Mãe-Controle Punitivo e impacto negativo na variável Pai-Controle Punitivo, ambos nos Problemas de Comportamento Internalizantes. Os resultados referentes às mães indicam que níveis mais elevados de práticas de controle punitivo estão associados a um aumento de comportamentos internalizantes nos filhos. Já nos pais, observa-se o efeito inverso: quanto maior o nível de práticas de controle punitivo, menores são os problemas de comportamento internalizantes das crianças. Segundo Teixeira et al. (2006), controle punitivo refere-se a atitudes e comportamentos dos pais que evidenciam o exercício da autoridade parental por meio de práticas punitivas e da imposição de crenças e valores, mesmo quando as consequências da punição não são abusivas. Os sintomas internalizantes na adolescência e as relações familiares apontam que quanto maior número de fatores de risco na infância, maior é a chance de predição de problemas de comportamento na adolescência (Mosmann; Costa; Einsfeld; Silva; Koch, 2017). Estudos (Zappe; Dell’Aglia, 2016) também evidenciaram que os problemas internalizantes associados ao uso de punições com maus-tratos, numa frequência de interações familiares pobres e negativas, podem desenvolver



comportamentos depressivos, apresentando-se sob forma de retraimento social e ansiedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo verificar o impacto das práticas parentais nas habilidades sociais e nos problemas de comportamento de estudantes do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental. A transição do Fundamental I para o II é um campo de estudo que retrata uma pluralidade de acontecimentos e que provoca mudanças de adaptação a um novo sistema educacional. As novas regras a serem vivenciadas pelos estudantes ocorrem em um período bastante conturbado e de instabilidade emocional que é a adolescência, na qual o indivíduo precisa ter a sua identidade definida, necessita ser reconhecido pelos pares, por fim adaptar-se a um novo contexto social e educacional.

Neste processo de mudança, a família apresenta-se com determinante para o desempenho positivo ou negativo dos filhos, seja na interação com colegas, seja no desenvolvimento de competências que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e o ajustamento interpessoal. A dinâmica familiar, atribuindo novos papéis aos filhos adolescentes e suas respectivas funções pode levantar algumas questões sobre o impacto das práticas parentais no desenvolvimento dos estudantes, que muitas vezes experimentam em sua rotina um distanciamento nas relações parentais, uma ruptura nos vínculos e uma crise familiar que causa transtornos e prejuízos.

Destarte, os dados mostram que as habilidades sociais dos pais são fatores imprescindíveis para um desenvolvimento mais saudável dos filhos e o acompanhamento nas diferentes etapas evolutivas dos adolescentes pode garantir uma maior estrutura na formação de valores e regras sociais. Os dados também reforçam que relações como afetividade, supervisão de comportamento, apoio emocional aumentam a capacidade dos indivíduos de socialização e promovem um melhor ajustamento na vida social e acadêmica.



Por outro lado, o estudo também aponta para o uso de práticas parentais negativas, que podem estar sendo compreendidas pelos filhos como uma exigência positiva para a construção de regras e limites e não algo intrusivo em circunstâncias adversas a sua realidade. Ressalta-se que, apesar das modificações nas configurações familiares e a relevância da participação dos pais, a mãe ainda continua, como historicamente, a ter mais controle no monitoramento e maior responsabilidade na educação dos filhos.

Assim, os pais ou responsáveis trazem a ideia de que, à medida que os filhos crescem e iniciam o desenvolvimento de novas capacidades de cognição social, podem assumir outras responsabilidades. Pais que atuam de forma mais indutiva, deixam os filhos compreenderem as consequências de sua conduta, utilizando recursos que justificam uma mudança no seu desempenho. Ao contrário, quando existe uma dificuldade entre as variáveis ambientais e familiares, pode-se prever falhas de acompanhamento dos pais na adolescência, apresentando fatores negativos para um relacionamento saudável e melhores condições adaptativas.

A condução do estudo baseou-se na aplicação de um modelo transversal. Sugere-se um estudo longitudinal para acompanhar a evolução e o comportamento dos estudantes do Ensino Fundamental II, no que diz respeito aos aspectos sociais, na relação familiar e no envolvimento dos pais na utilização de práticas parentais, nas habilidades sociais, associados, principalmente, ao desempenho acadêmico desses estudantes. Outra limitação foi o número reduzido de pais que participaram do estudo, levantando questões em torno da importância de estarem mais presentes na educação dos filhos. Mesmo assim, o estudo traz uma importante contribuição para as pesquisas da área, pois marcou resultados significativos na educação de crianças e adolescentes que estão em transição escolar e que apresentam relevantes mudanças biopsicossociais.

FATIMA ALMEIDA MAIA

Pedagoga da FAETEC, Orientadora Educacional da Escola Estadual de Ensino Fundamental Henrique Lage. É Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

ADRIANA BENEVIDES SOARES

Professora Titular do Departamento de Cognição e Desenvolvimento e do programa de Pós-graduação em Psicologia Social (mestrado e doutorado) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Titular do programa de Pós-graduação em Psicologia (mestrado e doutorado) da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

MARCIA CRISTINA MONTEIRO

Professora do programa de Pós-graduação em Psicologia (mestrado e doutorado) da Universidade Salgado de Oliveira. Orientadora Educacional na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. *Critério de Classificação Econômica Brasil*. 2019. <http://www.abep.org/novo/Uteis/FileGenerate.ashx?id=197>.

BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; TEIXEIRA, T. *Validação das escalas de habilidades sociais, comportamentos problemáticos e competência acadêmica (SSRS-BR) no ensino fundamental*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 2, p. 271-282, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200016>

BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M.; MACHADO, A. A. *Predictive Power of Parenting Styles on Children's Social Skills: A Brazilian Sample*. *SAGE Open*, v. 6, n. 2, p. 1-7. 2016. <https://doi.org/10.1177/2158244016638393>.

BOLSONI-SILVA, A. T. *Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares*. 2003. 210p. Tese (doutorado) – Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo São Paulo. 2003.

BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011, 310p.

CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. *Psicologia da Adolescência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, 480p.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para Psicologia*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013, 608p.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis: Vozes, 2018, 256p.

FERNANDES, L. M.; LEME, V. B. R.; ELIAS, L. C. S.; SOARES, A. B. *Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: Histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. Temas em Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 215-228. 2018. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-09Pt>.

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: Del Prette, A.; Del Prette, Z. (orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. São Paulo: Alínea, 2003. p. 21-60.

GOMIDE, P. I. C. *Inventário de Estilos Parentais, Modelo Teórico: Manual de Aplicação, Apuração e Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2011, 96p.

GRESHAM, F. M.; ELLIOTT, S. N. **Social Skills Rating System**. American Guidance Service. Circle Pines: Minnesota. 1990. p. 245.

KUSIAK, G. S.; MELLO, L. T. N.; ANDRETTA, I. Empatia e Práticas Parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos. *Aletheia*, v. 52, n. 2, p. 8-20. 2019. <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/5575>.

LEME, V. B. R.; FERNANDES, L. M. Relações interpessoais e habilidades sociais de adolescentes de contextos sociais vulneráveis. In: Del Prette, Z. A. P. et al. *Habilidades Sociais: Diálogos e Intercâmbios Sobre Pesquisa e Prática*. Novo Hamburgo: Sinopsys. 2015. p. 221-249

MAIA, F. A.; SOARES, A. B. Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 10, n. 1, p. 59-82. 2019. doi: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p59>.

MOSMANN, C. P. et al. Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia*, v. 34, n. 4, p. 487-498. 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>.

NUNES, P. F. Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 2, p. 337-345. 2014. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282332471017>.

TEIXEIRA, M. A. P. Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2006. doi: <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300012>.



ZAPPE, J. G.; DELL'AGLIO, D. D. Risco e proteção no desenvolvimento de adolescentes que vivem em diferentes contextos: família e institucionalização. *Revista Colombiana de Psicología*, v. 25, n. 2, p. 289-305. 2016.
http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-54692016000200007&script=sci_abstract&tlng=pt